

ÉTICA E TRADUÇÃO DE MUNDOS: A DIMENSÃO DO OUTRO A PARTIR DE COMUNICADORES INDÍGENAS

Lara Linhalis Guimarães¹

Ana Garcia de Miranda²

Gabriela Lopes Gomes³

Jonathan Robert Viana da Silva⁴

Leiriane Santana da Silva⁵

Resumo: A ideia aqui é migrar de epistemologias ocidentais para pensar as traduções de mundos postas em movimento nos processos comunicativos contemporâneos, a fim de auscultar novas camadas constituintes nas relações com a diferença. Para essa “virada ontológica”, acionamos especialmente a cosmovisão dos povos indígenas amazônicos, em muito através da teoria do perspectivismo ameríndio e da ideia de equívoco (VIVEIROS DE CASTRO, 2002); dos escritos de Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019) e Aparecida Villaça (2000); da ideia de uma comunicação pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2014) e, por fim, do experimento conceitual jornalismo de perspectivas (GUIMARÃES, 2016). A fim de cartografar algumas dessas experiências com a diferença, realizamos a primeira temporada do Podcast Parabolicamará, um espaço de produção de conhecimento sobre os processos comunicativos a partir da cosmovisão de povos originários do Brasil. Esta proposta de pesquisa, com este recorte, se insere dentro de um campo maior de investigação, desenvolvido no âmbito do Observatório Jornalismo(S), sobre tecnologias ancestrais de comunicação, como o xamanismo; e iniciativas em comunicação midiática desenvolvidas por indígenas, especialmente aquelas que buscam “inventar” (WAGNER, 2010) um outro jornalismo possível.

Palavras-chave: comunicação; ética; cuidado; povos indígenas; virada ontológica

Esta pesquisa se insere no âmbito do Observatório Jornalismo(S) (Dejor-UFOP): um espaço desterritorializado de partilha de saberes sobre jornalisimos possíveis, mundos possíveis coordenado pelos pesquisadores Lara Linhalis Guimarães e Evandro Medeiros

¹ Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ. Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa “Quintais: cultura da mídia, arte e política” (Dejor-UFOP) e “Núcleo de Jornalismo e Audiovisual” (PPGCom-UFJF); e do Observatório Jornalismo(S). Email: lara.guimaraes@ufop.edu.br

² Bacharel em Jornalismo pela UFOP. Pesquisadora colaboradora do Observatório Jornalismo(S). Email: anagmiranda97@gmail.com

³ Bacharel em Jornalismo pela UFOP. Pesquisadora colaboradora do Observatório Jornalismo(S). Email: lopes.gabrielagomes@gmail.com

⁴ Graduando em Jornalismo pela UFOP. Bolsista de Iniciação Científica (FAPEMIG). Email: jonathan.robert1670@gmail.com

⁵ Graduanda em Jornalismo pela UFOP. Pesquisadora colaboradora do Observatório Jornalismo(S). Email: leiriane.silva@aluno.ufop.edu.br

Laia, vinculado ao Grupo de Pesquisa “Quintais: cultura da mídia, arte e política”. É onde lançamo-nos a imaginar jornalismo que traduza mundos, sobretudo, a partir do encontro com a diferença, um manancial de ideias muito particular. Instaure-se, nesse sentido, no âmbito do que convencionou-se chamar de “virada ontológica”, especialmente a partir do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2015). É dele a advertência, que tomamos aqui como máxima, de que “temos a obrigação de levar absolutamente a sério o que dizem (...) os índios e todos os demais povos ‘menores’ do planeta, as minorias extranacionais que ainda resistem à total dissolução pelo liquidificador modernizante do Ocidente” (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p.15).

A hipótese central é que comunicadores indígenas, ou seja, aqueles que comunicam mundos, traduzem mundos, a partir de tecnologias de comunicação ancestrais - como o xamanismo - e/ou contemporâneas - como as redes sociais digitais - nos dão pistas do que “significa tornar-se outro” (VILLAÇA, 2000), já que, em suas traduções de mundos, estão, em tese, mais dispostos que nós, comunicadores brancos e brancas, a investir em deslocamentos de perspectivas. Isso em razão da própria cosmovisão a partir da qual são geridas suas naturezas “em variabilidade” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Esses deslocamentos, cabe ressaltar, assim como a dimensão da ética (preocupação com o outro), não se restringem ao que convencionamos chamar de humanidade, baseados numa concepção moderna ocidental da coisa. O outro (ou, a diferença) implicado em um dilema ético é ampliado a uma quantidade sem nome de seres, os quais fazem parte de uma espécie de “humanidade moral”. Por fim, parece-nos que comunicadores indígenas estariam mais aptos a comunicar pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2014) e exercitar um jornalismo de perspectivas (GUIMARÃES, 2016).

Por essa via, o objetivo é compreender como comunicadores indígenas pensam e realizam processos comunicativos, transversalizando a ideia de ética no sentido amplo: uma preocupação com a dimensão do outro (MARTINO, 2010). Buscamos verificar quais dimensões das relações com o outro se instauram nesses processos, a fim de promover uma discussão sobre ética e cuidado considerando a cosmovisão ameríndia. Para que esse caminho seja percorrido, estamos desenvolvendo uma pesquisa em Iniciação Científica, para a qual realizamos inicialmente uma imersão teórica na Teoria do Perspectivismo Ameríndio, especialmente a partir de Viveiros de Castro (2002), mas também nos escritos de Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019) e Aparecida Villaça (2000). Desenvolvemos também uma discussão sobre ética e cuidado principalmente a partir de Guimarães (2021) e Miranda (2021). Posteriormente, idealizamos o podcast Parabolicamará (@pod.camara). O

podcast é inspirado na canção de mesmo nome de Gilberto Gil, lançada no ano de 1992. Para os três episódios⁶ já gravados até a presente data, disponíveis gratuitamente na plataforma Spotify, conversamos com Ailton Krenak, Edgar Kanaykõ, Kelly Bone Guajajara e Lídia Guajajara.

Uma “abstração civilizatória”, para Ailton Krenak, liderança indígena, nos aliena da Terra, este organismo do qual nos divorciamos principalmente a partir dos postulados do que convencionou-se chamar modernidade. Para Krenak (2019), é a partir então deste momento, especialmente, que passamos a imaginar que a Terra é uma coisa e nós, outra. “A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo uma abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (KRENAK, 2019, p.22-23). Ao acessar Boaventura de Sousa Santos (2007), Ailton Krenak crê que uma “ecologia dos saberes” deveria ser a tônica para nossa experiência como comunidade. Ao se referir ao termo criado pelo sociólogo português - a ecologia de saberes - Krenak aciona uma proposta de descolonização da vida, das instituições e do próprio modo de apreender a realidade (e, por consequência, de produzir conhecimento).

É especialmente a partir do estudo de povos originários amazônicos que Eduardo Viveiros de Castro faz emergir a teoria do perspectivismo ameríndio, a qual abriga a crença, partilhada em algumas cosmovisões ameríndias, de que o mundo é habitado por diferentes tipos de seres, humanos e não-humanos, que são sujeitos, ou seja, têm capacidade de agência sobre o mundo, são pessoas, mesmo que pessoas não humanas, agindo então com base em intencionalidade e reflexividade. O perspectivismo traz também a ideia de que cada um desses seres se veem como humanos, vendo todos os outros, então, como não humanos. Nesse sentido, a partir do que emana desta teoria, é possível vislumbrar uma ideia de humanidade relacional e também moral, partilhada por uma grande quantidade de existências, as quais se diferenciariam então pelo corpo (pela “natureza”). O que nos convoca a explorar o radical oposto de cosmologias multiculturalistas, império do relativismo cultural, e faz emergir o multinaturalismo: uma cultura, várias naturezas; ou, uma unidade do espírito e uma

⁶ Disponível em

<https://open.spotify.com/show/6GYOGCcEcpIHx7kSWbjbxtd?si=oLwW-pp9Sh6zXAD0ykrD7w&nd=1> Acesso em 03.06.22

diversidade de corpos, ou, ainda, a variabilidade como natureza (VIVEIROS DE CASTRO, 2015). “A ‘cultura’ ou o sujeito seriam aqui a forma do universal, a ‘natureza’ ou o objeto, a forma do particular” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 43). A atitude perspectivista reclamaria a personitude, ou perspectividade, isto é, a capacidade de ocupar um ponto de vista diferente daquele de origem de quem (ou do que) se dispõe a conhecer um outro – a potência de ver como um outro – interpenetrando menos conceitos e mais perceptos. O deslocamento xamânico ameríndio almeja a interlocução transespecífica entre humanos e não humanos, vendo os não humanos como eles se veem, ou seja, como humanos.

Segundo explica o antropólogo, “a forma manifesta de cada espécie é um envoltório (uma ‘roupa’) a esconder uma forma interna humana” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 351). Por essa via, os deslocamentos xamânicos cultivam um certo ideal de conhecimento – mais que uma forma de conhecer – alojado no extremo oposto da epistemologia objetivista, cultivada na modernidade ocidental, de acordo com a qual conhecer é objetivar, despir o objeto de toda presença de sujeito – dessubjetivar – de maneira a reduzi-lo a um mínimo ideal, conduzindo o feixe de intencionalidades das agências à não-existência. O inverso desse modo de conhecer apoia-se na crença de que conhecer é personificar. Nesse sentido, a tradução pretendida pelos xamãs como interlocutores ativos no diálogo transespecífico almeja “o ‘quem’ das coisas (Guimarães Rosa), saber indispensável para responder com inteligência à questão do ‘por quê’” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.50). O ideal epistemológico, aqui, apoia-se na busca por revelar um máximo de intencionalidades, sendo uma boa interpretação xamânica “aquela que consegue ver cada evento como sendo, em verdade, uma ação, uma expressão de estados ou predicados intencionais de algum agente” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.51).

“Entre os ameríndios, a performance não se descola das formas de vida, simplesmente, porque ela é a maneira como estas formas se constituem, se relacionam e se alteram mutuamente” (BRASIL, 2010, p.13). Assim o é quando os xamãs assumem outros corpos no movimento de tradução transespecífica. A narrativa desse deslocamento - que, em última instância, nada mais seria que um deslocamento interno, a considerar-se o outro como margem da existência do mesmo - é comunicada ao restante da aldeia através do corpo-linguagem, num exercício radical de alteridade. Para Aparecida Villaça (2000), que analisou a relação entre xamanismo e contato interétnico a partir da etnografia wari’ (grupo de língua Txapakura da Amazônia Meridional), esse movimento é análogo a um jogo de espelhos. “O que ocorre é uma dupla inversão: um homem destaca-se do grupo tornando-se animal e adotando um ponto de vista humano (wari’) para que o resto do grupo,

permanecendo humano (Wari'), possa adotar o ponto de vista animal” (VILLAÇA, 2000, p. 64). Não se trata, portanto, nesse reino da inconstância, de seres autônomos postos em relação – numa performance como estratégia de falseamento cínico – mas da relação como propulsora de processos de subjetivação. Brasil (2010) profere, com base em Viveiros de Castro (2002): “No interior de uma relação de alteridade constitutiva, os sujeitos são, desde o princípio, alienados. Como se a autonomia só fosse possível pela heteronomia” (BRASIL, 2010, p. 14).

É a partir desse modo muito específico de existência onde a relação é propulsora de processos de subjetivação que Viveiros de Castro desenha a ideia de equívoco. “O perspectivismo projeta uma imagem da tradução como um processo de equivocação controlada - “controlada” no sentido de que caminhar pode ser considerada uma forma controlada de cair. O perspectivismo indígena é a teoria do equívoco, ou seja, da alteridade referencial entre conceitos homônimos. O equívoco aparece aqui como o modo de comunicação por excelência entre diferentes posições de perspectiva (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.5).

Ou seja, não é compreensão, consenso e ordem, mas incompreensão que marca o processo comunicativo. Guimarães e Laia (2014) estendem esse pensamento a todo ato comunicativo, a partir de uma ideia de “comunicação pelo equívoco”. Algumas pistas na própria explicação do conceito de equívoco nos permitem empreender essa ampliação. Viveiros de Castro (2004, p.12) afirma que o equívoco “é a condição-limite de toda relação social, condição que se torna supersubjetificada no caso extremo da chamada relação interétnica ou intercultural, onde o jogo de linguagem diverge ao máximo”. Comunicar seria, então, traduzir o equívoco, mas não de um modo eficaz, que procura o comum, mas de um outro jeito, procurando dobras, fendas, possíveis sulcos que deixam em evidência a inadequação a este novo estado. Traduzir, nesse caso, seria explicitar o erro, mostrar que falamos de coisas diferentes, usando o mesmo nome. Traduzir passaria então a se tornar um tanto do outro, a ocupar pontos de vista com uma boa dose de imaginação, inventando possibilidades, como fazem os xamãs.

A imagem de um jogo de espelhos, analogia proposta por Villaça para apresentar o movimento xamânico de “tornar-se outro”, comunicando pela diferença (ou, pelo equívoco), parece-nos potente para pensar o modo como o jornalismo – especialmente os ou as jornalistas – acessa e faz conversar mundos tão diferentes. Leva-nos a pensar que tipos de narrativas são mais potentes para que a “aldeia” do ou da jornalista – ou seja, seu público – possa adotar um outro ponto de vista, de modo que essas narrativas atuem impelindo a

diferença, ao invés de se assentarem na busca por um sentido único, consensual, sobre as coisas do mundo.

A partir dessas compreensões, Guimarães propõe uma nova visada sobre a “rede sociotécnica” (LATOURE, 1994) jornalismo, reunida na expressão jornalismo de perspectivas (GUIMARÃES 2016; 2019): uma provocação apadrinhada pela habilidade dos xamãs na cosmologia ameríndia.

Fazer parte do jogo de espelhos, que é o movimento de tornar-se outro (VILLAÇA, 2000), significa, para o jornalista, estar disposto e proporcionar a tantos leitores, espectadores, audiências, públicos, consumidores, colaboradores e afins; a experiência, indireta e permeada de si, de um outro ponto de vista que, considerando a analogia que estamos construindo, é na verdade um outro mundo. Sob essa égide, não há fatos a serem narrados, externos à experiência, tampouco há lugar aqui para representações. Os jornalistas seriam os mestres do esquematismo cotidiano, inventando a existência ordinária desses mundos. A performance envolvida nessa tradução/invenção, mais que teatralização do eu, se aproximaria do modo como os ameríndios alteram seus corpos. Nada próximo do cinismo contemporâneo nascido, como destaca Brasil (2010), da separação, dissolução e gestão estratégica (nessa ordem) do par artifício-realidade. (GUIMARÃES, 2019, p.10)

Trata-se mais, portanto, de um experimento estético/ético, nó de uma rede em curso, baseado no deslocamento transespecífico dos xamãs, ou seja, no modo como os mestres do esquematismo cósmico traduzem - e fazem comunicar - mundos. Aqui, há que se evitar entender essa proposta como um enquadramento. Não é polícia esse jornalismo; é sobretudo desejo.

Acessando a ideia de invenção de Roy Wagner (2013), só é possível olhar para algum eu quando há o olhar que captura algum outro e nos coloca diante desse estranho, como em um espelho. Em Wagner, essa equação aparece da seguinte forma: a cultura é o que precipita do choque cultural, do encontro entre alguns outros. Antes disso, não há cultura, há comportamentos naturalizados, os nossos “territórios existenciais familiares” (2010). Por essa via, não há reflexão sobre o eu sem reflexão sobre o outro. Parece-nos que um mundo possível, e um jornalismo possível, necessitam fortemente abandonar os hábitos de ser, explorar o estranho em si. Parece-nos ainda que uma de nossas tarefas, neste momento, enquanto intelectuais, professores, profissionais e/ou estudantes de jornalismo é imaginar um jornalismo que se estranhe inicialmente, inaugurando outras bordas na maneira de lidar com os outros que envolvem o fazer jornalístico. O que necessariamente implica revisitar a quais outros ofertamos o estatuto de pessoa e refletir sobre a relevância desses “outros” outros para a própria constituição do eu.

Partindo, então, da ideia de uma comunicação pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2014), um jornalismo de perspectivas precipitaria a partir de uma tradução quando, ao menos: 1) assume-se um modo de conhecer em que conhecer é subjetivar; 2) há a disposição (e disponibilidade) para o deslocamento entre pontos de vista; 3) a noção de pessoa é expandida a outros existentes; sendo a ideia de humanidade includente e relacional (BIRD-DAVID, 2019; KRENAK, 2019); 4) há atenção à jurisprudência, ao que brota para além da convenção (DELEUZE, 1992; ALBERT e KOPENAWA, 2015; VIVEIROS DE CASTRO, 2015), e, provisoriamente por fim, 5) quando esse deslocamento é baseado em muito numa espécie de ética do zelo – em tese, um tipo de ética fundante das traduções de mundos postas em movimento por povos animistas, no geral, como os ameríndios. O que chamamos aqui de ética do zelo é órgão vital (talvez projeto) de um personagem conceitual (DELEUZE e GUATTARRI, 1992) que temos gestado há algum tempo: o repórter-xamã, aquele que atua (mesmo que provisoriamente, mesmo que em um gesto) mirando, desejando um jornalismo de perspectivas. Deleuze e Guattari são enfáticos ao dizerem que “(...) o personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste” (1992, p. 78). (R)Existe. Não se trata, assim, de um novo tipo de jornalismo, que se queira implantar. Como mencionamos, o jornalismo de perspectivas é um exercício imaginativo de um jornalismo (ou um análogo de jornalismo, caso queiramos dar outro nome a essa tradução de mundos) que seja pensado e praticado a partir de outro modo de conhecer e de existir, que envolve a prerrogativa de uma outra ética fundante a explorar as dimensões do encontro entre o eu e o outro.

Indícios dessa disposição foram encontrados em pesquisa ainda em desenvolvimento, a partir de conversas com comunicadores indígenas reunidas na primeira temporada do podcast Parabolicamará (@podcamara), quando tratamos da temática geral “ética e comunicação”. Ailton Krenak, Edgard Kanaykô Xakriabá, Kelly Guajajara (Mídia Índia) e Lídia Guajajara (Mídia Índia) trouxeram à vida o que aventamos ser uma “ética do zelo”, hipótese criada por nós com base em pesquisa teórica e exploratória anterior. Esses comunicadores indígenas, a partir de suas experiências bastante específicas na tradução de mundos, consideraram pontos importantes acerca do modo como entendem a comunicação e o trabalho que realizam.

À princípio, é nosso desejo apostar na continuidade dessa linguagem (sonora) e desse formato (podcast) no desenvolvimento/publicação da investigação que estamos aqui propondo: um desdobramento da temática da primeira empreitada (ética e comunicação), variando a forma (a roupa) sob a qual o tema se apresenta aos convidados e ao público. Essa

variação está em consonância com o que temos aprendido sobre a cosmovisão ameríndia, onde a forma manifesta de cada espécie é somente um envoltório provisório de uma existência outra. É uma roupa que se veste, e a partir da qual se comunica. Assim são, em analogia, às palavras: formas comunicantes provisórias. Mudam-se as palavras (as roupas), mudam-se os mundos. Por isso, para um segundo momento da investigação, estaremos guiados pelo questionamento suscitado por Aparecida Villaça (2000): “O que significa tornar-se outro?”.

Dos objetivos desta pesquisa faz parte a aproximação entre modos de tradução de mundos postos em movimento a partir de diferentes epistemologias, o que potencialmente poderá inspirar novos estudos e práticas relacionados. É uma proposta amparada pelas discussões possíveis, extensamente ricas, desenvolvidas no âmbito dos estudos contemporâneos da antropologia e da comunicação, em sua atenção aos povos indígenas e seus saberes. Também é inovadora ao cruzar conhecimentos cultivados pelas cosmologias ameríndias com aqueles perpetuados na prática profissional da atividade. Em seu Manifesto Ciborgue, Haraway defende que “uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças” (HARAWAY, 2000, p. 51). A boa notícia é que, ironicamente, a purificação do mundo vem acompanhada necessariamente da proliferação dos híbridos. E é boa nova não por uma defesa a todo custo daquilo que tenciona hegemonias, mas por que são esses híbridos que nos conectam de fato (outra ironia!) com as infinitas maneiras de viver, as quais incluem perspectivas variadas do que seja o jornalismo, enquanto tradução de mundos. Acreditam os yanomamis (povo indígena) que os xapiris (os “espíritos da floresta”, uma analogia possível) estão já há algum tempo a segurar o céu, prestes a cair. O que faremos, nós, jornalistas, comunicadores no geral, em termos de produção de conhecimento sobre o mundo, para auxiliar os mestres do esquematismo cósmico na tentativa de sobrevivência desse mesmo mundo? Acreditamos que essa tarefa envolve necessariamente rediscutir as camadas que nos dispomos a acessar (ou aquelas que aprendemos a acessar) na tessitura das relações com o outro nos processos comunicativos. Para isso, torna-se imprescindível o acesso a outros modos de conhecer o mundo, bem como a legitimidade de outras existências (as quais fazem precipitar outros mundos), que alicerçam seus processos comunicativos a partir da diferença, fazendo precipitar o que temos chamado de comunicação pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2014).

O antropólogo Bruno Latour (2012) defende que, mais importante que observar o que já está agregado e age como um todo, é necessário atentar para a natureza do que foi reunido. Para ele, os fatos são híbridos, pois possuem todas as facetas da realidade. Nesse sentido, o

social não pode ser definido como um tipo específico de material ou domínio, mas como um movimento de reassociação e reagregação: “[...] o social não é nunca uma coisa visível ou postulável. Só se deixa entrever pelos traços que vai disseminando (experimentalmente) quando uma nova associação se constitui com elementos de modo algum ‘sociais’ por natureza” (LATOURE, 2012, p. 27). Realizando conexões parciais com as orientações de Latour, grande parte delas presente em sua Teoria do Ator-Rede (TAR), esta pesquisa busca rastrear as controvérsias a respeito das relações com o outro na atuação de comunicadores indígenas, especialmente os equívocos (VIVEIROS DE CASTRO, 2015) que fazem emergir a partir da lida com a diferença. E, mais importante, busca ainda seguir os próprios atores nos desdobramentos instáveis – por isso, visíveis – de seus cosmos: ideias, lógicas, métodos, definições, motivações, “[...] pouco importa quão irracionais pareçam” (LATOURE, 2012, p. 44). Lemos (2013) diz que, se a TAR é uma teoria, a Cartografia de Controvérsias (CC) é seu método. “Olhar as controvérsias é olhar as redes em formação na disputa pela estabilização. Quando elas cessam, surgem as caixas-pretas” (LEMOS, p.55), estabilizações, conceitos, instituições que criam a ilusão de um funcionamento homogêneo, como se não houvesse, recorrentemente, negociação de sentidos. Considera-se fecunda a aliança entre as bases teórico-metodológicas já apresentadas e a cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996). Para os pesquisadores, “(...) somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 77-76), e é essa constatação que nos encaminha para a cartografia na composição de um mapa de pesquisa em que os encontros vão sendo dilacerados em outros como uma raiz rizomática: sem eixo central, sem crescimento linear, mas habitando em vida a cada novo broto. “(...) É uma questão de cartografia. Elas [essas linhas] nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar uma na outra. Rizoma.” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 77-76).

O Podcamará

O podcast Parabolicamará é inspirado na canção de mesmo nome de Gilberto Gil, lançada no ano de 1992. A idealização do podcast se deu a partir de uma conversa anterior⁷, de Ailton Krenak com Muniz Sodré, em que eles compartilham a ideia de descentralizar e re-centralizar mundos. Inspirados então por Krenak e Sodré, a cada episódio do “Podcamará”

⁷ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=78ikR_oxrtg Acesso em: 15/03/2021

desejamos mudar o centro do mundo. Acreditamos que cartografar ideias é descobrir novas criações de mundo em pequenas particularidades, é fazer e refazer memórias, é descobrir inúmeras maneiras de apresentar e vivenciar uma ideia. Como afirma Ailton Krenak, em suas "Ideias para adiar o fim do mundo", todas as narrativas a partir das quais atravessamos contextos, conhecendo assim a cosmovisão de diferentes povos, nos fazem experimentar de fato a vida dentro do planeta Terra (KRENAK, 2019).

Nesta primeira temporada, o eixo central é constituído a partir do tema “ética e comunicação”. O intuito é pensar como comunicadores podem ser tradutores de mundos de forma a cuidar das relações com todos os atores envolvidos nos processos comunicativos. Para os três episódios⁸ já disponíveis gratuitamente na plataforma Spotify, conversamos com Ailton Krenak, Edgar Kanaykō Xacriabá, Kelly Bone Guajajara e Lídia Guajajara.

Como um dos pensadores mais influentes da atualidade e uma das inspirações para o desenvolvimento do nosso podcast, Ailton Krenak é nosso primeiro convidado e abre a discussão que se pretende estabelecer durante os episódios posteriores, as quais tratam das relações com o outro nos processos comunicativos. Ailton Krenak é escritor, jornalista, ativista do movimento socioambiental e dos povos indígenas. Logo no início de sua fala, Krenak faz um alerta sobre a visão eurocêntrica da humanidade, onde o ser humano é colocado como o centro do mundo e de todas as coisas. Essa definição serve para exemplificar como esse modo de enxergar as coisas e se colocar no mundo está diretamente ligado com o conceito de ética que será abordado durante a conversa. Afinal, como bem explica o pensador, “em outras cosmologias, a ideia dessa responsabilidade de si diante do outro e do mundo, ela pode ter outros sentidos para além disso que nós chamamos de ética.” (KRENAR, 2022, s/n).

O autor proclama que essa ideia de ética da comunicação, como está sendo discutida, implica na relação existente com um outro. Para haver a comunicação, principalmente como é amplamente praticada pela humanidade, é necessário que haja, além do próprio emissor, um outro interlocutor. E essa outra parte essencial da mensagem não precisa necessariamente ser uma outra forma humana. Denominando-as como “não-humanos”, Krenak cita os organismos diversos, rios, florestas ou outra das incontáveis formas de seres vivos que estão compartilhando essa mesma existência no planeta Terra. Baseado nos pensamentos de Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert na obra “A queda do céu”, Krenak defende como o ser

⁸ Disponível em <https://open.spotify.com/show/6GYOGCcEcpIHx7kSWbjbxtd?si=oLwW-pp9Sh6zXAD0ykrD7w&nd=1> Acesso em 03.06.22

humano tem dificuldade em reconhecer e se comunicar com a “pluralidade de mundos” existentes. A humanidade novamente se coloca no centro de tudo, como a única parte dessa coexistência que consegue vivenciar experiências ou emitir uma informação. Durante a conversa, Ailton Krenak deixa claro que entende esse lugar demarcado como “pluralidade social de mundo”, onde a comunicação é assimilada com as interações entre diferentes culturas e pensamentos. Mas faz a seguinte provocação:

Eu estou convidando vocês a imaginar uma comunicação plural, parabólica, que ela não seria nesse sentido de só um endereço. Ela seria dirigida a tudo que nos rodeia, à vida. Às vezes nós já sentimos uma dificuldade muito grande de manter a atenção responsável numa comunicação com o outro. Seria quase que um exagero convidar para uma comunicação com o todo. (KRENAK, 2022, s/n)

A partir dessa instigação, o jornalista traz a ideia de “desendereçar a mensagem”, para que ela possa chegar de forma pacífica a todas as coisas, sem qualquer tipo de distinção, “inclusive de espécie”. Ao mesmo tempo, reconhece a insistência do ser humano em se endereçar somente ao outro igual, como se essa comunicação só fosse possível desta maneira. O “outro” não é reconhecido além dessa forma tradicional e eurocêntrica de humanidade. Essa perspectiva onde existem uma numerosidade de outros "Outros", normalmente apagados pela seletividade do homem, pode ser ampliada ao se fazer o questionamento: “À quem é endereçada a minha ética?”, como observa a pesquisadora Lara Linhalis, uma das participantes da conversa. A compreensão da impossibilidade da neutralidade da linguagem diante da existência de cada um no mundo, pode ser a chave para a diminuição da dificuldade das pessoas em entender e sensibilizar esse olhar com o outro.

Sendo assim, em toda comunicação entre diferentes perspectivas, seja entre línguas, culturas ou outras formas distintas, existe esse lugar rarefeito de alteridade. E a linguagem, assim como a ética, tem um papel fundamental na tentativa de encontrar uma ponte entre a comunicação e a alteridade. Krenak nos pede para imaginar um sujeito que vive isolado, com pouco contato com outras culturas globais, que “vive uma experiência de uma cultura com seus contornos próprios”. Em um exemplo rápido, suas reflexões nos levam a entender que aquele sujeito tem capacidade e métodos suficientes para desenvolver os próprios modos de se comunicar no meio em que está inserido sem que ocorra desastres. A linguagem e a alteridade “sugerem experiências simultâneas” e estão dialogando com outras possibilidades, sem se esquecer dessa variedade de entendimentos. O comunicador explica que:

Essa multiplicidade de lugares de escuta, permite essa experiência da linguagem sem estresse. É como se não fosse necessário esse exercício de mentir. Você pode narrar uma experiência sem o tensionamento que pode causar a coisa da auto explicação. Como nós estamos vivendo uma experiência contemporânea de muita traição da linguagem, a ideia de uma comunicação aberta, parabólica, com tudo e com todos, em todas as direções, pode ser uma ambição exagerada. Ninguém vai alcançar esse objetivo, não tem uma linguagem para todos. Parece que a linguagem sempre vai ser configurada em um sentido de “o mundo que você pensa com quem você está falando”. (KRENAK, 2022, s/n)

Posteriormente, Krenak nos leva a um questionamento sobre o lugar do comunicador na sociedade. O papel desse sujeito, que antes era bem definido, agora é ocupado por muitos. Para Krenak, vivemos na “sociedade da informação”, onde todos exercem essa função de comunicar. O grande desafio, para ele, é saber fazer com veemência a distinção entre o que é realmente verdade e o que está sendo espalhado somente para confundir. “Nós estamos diante de um mundo hoje em que o digital ganhou uma potência de disparo atômica.” As redes se tornaram uma arma para espalhar desinformação e alavancar discursos de ódio em proporções capazes de traçar novos rumos para o mundo. Diante de alguns exemplos como a falta da atuação de grandes nações na preservação da biodiversidade e da vida no mundo, a possibilidade cada vez mais eminente do surgimento de guerras e a articulação para um retrocesso das configurações mundanas, Krenak delinea a existência humana em meio a um abismo cognitivo:

Diante de toda oferta de informação, nós estamos diante de uma verdadeira avalanche de informação, nós temos do outro lado um abismo cognitivo, que é a incapacidade que a gente tem de discernir o que é que estamos vendo e ouvindo. Você pode ser enganado por uma imagem, assim como você pode ser enganado ou iludido por uma mensagem, textual ou falada. Então, nós estamos diluindo a experiência da vida em um termo tão absoluto, que aquela imagem da lama que desceu sobre nossos rios, avassalando tudo, parece que é a imagem mais atual sobre o que nós poderíamos imaginar como diversidade de mundo, como possibilidades identitárias, como a possibilidade de cada corpo ter a sua integridade. (KRENAK, 2022, s/n)

O cerne do abismo cognitivo está nessa insuficiência da humanidade em decodificar o mundo. O filósofo propõe uma inversão de pensamentos para incentivar uma reflexão sobre deixar de lado as mensagens emitidas para o mundo, em um esforço de tentar ler o que o mundo está emanando, o que ele está comunicando com a humanidade. Nesse sentido, interpreta-se a urgência de um questionamento sobre o próprio olhar, uma convocatória para entender que mundo é esse, um empenho para assimilar que mundos estamos deixando de viver e de cuidar. “O que você está falando? E com quem? Será que isso é ética? Uma ética do cuidado?”. Essa reflexão se estende quando a ideia de colonialidade operante aparece.

Krenak a define como um “veneno, um ácido”, uma forma violenta instalada de maneira profunda e repetida para impedir que aconteça o compartilhamento de mundos. Para se opor a esse movimento, Krenak denomina ser necessário uma corrente de “radical vivo”, definição utilizada para essa vontade incessante de estar vivo para, assim, conseguir escapar ao controle. Em suas palavras, só é possível ultrapassar esse veneno se cobrindo da ancestralidade dos povos que já viraram espíritos.

No segundo episódio do Podcamará, a conversa é com Edgar Kanaykõ Xakriabá, mestre em antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pertencente ao povo Xakriabá de Minas Gerais. A partir de seu trabalho e experiência como fotógrafo, a questão norteadora se concentra na ética dentro da fotografia. Kanaykõ se debruça sobre a explicação do conceito de etnovisão, concepção desenvolvida por ele mesmo sobre a forma como o olhar indígena vai além das lentes, “um olhar que atravessa o campo da visão, da fotografia.” O fotógrafo conta que essa conceituação se apoia nas concepções de etnografia e etnofotografia, da Antropologia visual, para criar registros e produzir conhecimento para além do que é escrito.

Para o povo Xakriabá, as imagens possuem uma forte ligação de tradução com outros mundos. No “*Akwê*”, idioma falado pelos povos Xakriabá e Xerente, a palavra “*hêmba*”, possui um significado aproximado de alma ou espírito, que também pode ser entendido como uma imagem, situada no campo de invisível para “as pessoas comuns”. Edgar Kanaykõ explica que os pajés e as pessoas mais velhas da aldeia são os que conseguem “ver essas outras fotografias de outro mundo” através dos rituais, que é o momento onde as conexões entre os humanos e os não-humanos são estabelecidas. Kanaykõ afirma:

Todas as coisas da natureza tem um dono, que esse dono é invisível, é um espírito, é um *hêmba*, que cuida daquele animal, daquela árvore, daquelas coisas. Então, em um ritual, principalmente, a gente pede licença para estar nesse lugar. Se você tiver as devidas permissões, aí sim é feito a sua participação, a fotografia, o filme que se está fazendo. Então o *hêmba* é uma tentativa de explicar, de traduzir o que significa uma imagem, uma fotografia, para nós. (KANAYKÕ, 2022, s/n)

Em dado momento do episódio, Edgar Kanaykõ conta um pouco sobre a sua troca de experiências com o Pajé Vicente, quando compartilhou conhecimentos sobre essa relação com a fotografia. Nas palavras do fotógrafo, Pajé Vicente é uma pessoa que “gosta também de ser gravado” em determinados momentos. Mas um cuidado extra é requerido, pois quando uma imagem é produzida, cria-se também uma representação. E como Kanaykõ nos explica, nem tudo pode ser registrado para que pessoas de fora da aldeia tenham acesso. Por isso, há

certos tipos de conteúdos que precisam ser planejados conforme a distribuição destes materiais. “Porque há coisas que podem ser reveladas ali que estão no campo do segredo/sagrado”. Ao dividir os ensinamentos de Pajé Vicente conosco, Edgar Kanaykõ nos alerta que "temos que ter cuidado pois uma foto, é uma imagem". Somos então provocados a pensar a fotografia como além de uma foto: ao capturar uma foto podemos também capturar um espírito (KANAYKÕ, 2019). Essa ponderação instiga um sentimento de vigilância e precaução em relação ao que traduzimos ao partilhar uma imagem. O que pode se tornar um problema na era digital em que o mundo está inserido, onde a todo minuto, com muita facilidade, as imagens são compartilhadas nas redes. Mas Edgar Kanaykõ também reflete sobre como a imagem usada com consciência possibilita a criação de novos meios de representação e, de certa forma, um resgate da memória e permanência dos povos indígenas. Segundo o pesquisador, a presença da câmera fotográfica nas aldeias possibilitou a retomada de alguns rituais, quando as pessoas começaram a entender que poderiam preservar aquelas imagens para posteridade e também como uma forma de marcar o lugar no mundo.

O cinema como uma possibilidade ou como uma ferramenta, que a gente costuma dizer, de luta e resistência. Por isso que a gente usa muito esse termo, a fotografia, o cinema e o audiovisual como uma ferramenta de luta, de resistência e de fortalecimento da nossa cultura. [...] Então a partir de que a gente usa isso ao nosso favor, essa ferramenta ao nosso favor, isso pode ser visto como algo muito positivo. (KANAYKÕ, 2022, s/n)

Kanaykõ retoma a questão de consentimento para a produção de imagens, desta vez, fazendo analogia entre o ato de caçar um animal e caçar uma imagem de um animal. Afinal, em todas as ações, independente de sua natureza, os emaranhados de relações entre o visível e o invisível devem ser respeitados. Em um trecho da sua dissertação de mestrado, Kanaykõ afirma que: "[...] assim como um fotógrafo ou um cineasta devora uma imagem/alma, ao capturá-la através da câmera, esta mesma imagem/alma tem o poder de devorar outras, a de seus espectadores, incluindo o próprio realizador." (KANAYKÕ, 2019, p.89). Para o fotógrafo, a técnica é importante, mas as relações construídas até chegar naquela imagem influenciam até o produto final. A imagem, neste raciocínio, se torna, além de um elo entre mundos, uma poderosa ferramenta de luta: assim como armam-se de arco e flecha em uma caçada, os povos indígenas utilizam as lentes e a informação como meios de combate.

Em nosso terceiro episódio, as convidadas foram Lídia Guajajara e Kelly Bone Guajajara, ativistas indígenas e comunicadoras digitais que fazem parte do Mídia Índia, a maior rede de comunicação de povos originários no Brasil. As duas são indígenas do povo

Tenetehar e atuam em coletivos de juventude indígenas, de mulheres e de movimentos LGBTQIAP+. Nos primeiros minutos, Kelly e Lídia Guajajara, já reforçam essa ideia de um novo modo de batalhar, ao explicarem como a rede Mídia Índia atua na propagação e fortalecimento das lutas dos povos indígenas, usando a informação como um meio para ultrapassar a barreira dos territórios. De acordo com elas, a comunicação hoje é uma ferramenta de luta, um modo de retratar a realidade, de propagar conhecimento sobre sua cultura e também um meio de defender os lugares que ocupam. Ao falar sobre a logística de atuação nas redes, Lídia Guajajara conta que a Mídia Índia é formada por mais de 10 povos e existem muitos colaboradores para fazer com que esse movimento de ocupação nas redes aconteça. Kelly Bone reforça dizendo que a partir do momento que um indígena possui um aparelho capaz de contribuir para a comunicação, ele pode fazer parte dessa rede colaborativa que é a Mídia Índia.

Mas para além da ocupação das redes, outras pautas tão importantes são transversais na atuação das comunicadoras. Um dos pontos defendidos é o aumento da participação das mulheres em cada vez mais espaços, tanto na Mídia Índia, quanto nas ruas. Diante da necessidade percebida de haver mulheres indígenas preenchendo mais lugares na comunicação, em 2021, foi lançado oficialmente o coletivo Articulação das Mulheres Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGAS)⁹, do qual as ativistas fazem parte e tudo é pensado e produzido por mulheres indígenas. Lídia Guajajara realça que a comunicação é uma ferramenta também disposta para abrir novos espaços de debate e “além de anunciar é também uma forma de denúncia”.

No entanto, surge daí outro desafio, o de produzir conteúdo, tanto no perfil da Mídia Índia quanto em seus perfis pessoais. Lídia Guajajara expõe alguns incômodos, como o de sua fala ser muito mais reconhecida durante o mês de abril (mês convencionalmente tratado como “indígena”) onde “desenterram” os povos indígenas e a desvalorização de suas raízes por estarem presentes nas redes sociais. Kelly Bone concorda exemplificando o desconforto das pessoas no simples fato de indígenas terem acesso a qualquer tipo de equipamento eletrônico. O ato desses corpos estarem produzindo conteúdos neste espaço virtual é o suficiente para chamar atenção e desencadear uma onda de ataques à sua existência, ao pertencimento e à ancestralidade. Por isso, a Mídia Índia tem uma atuação muito voltada para a juventude, promovendo oficinas dentro dos territórios de como usar o equipamento para se comunicar e interagindo com os jovens para que se interessem em utilizar esse espaço

⁹ Disponível em @anmigaorg. Acesso em 31.07.22

também para mostrar sua cultura. Kelly Bone indica como esse trabalho primeiro passa por uma etapa de entendimento e aprendizado, para que a juventude possa, além de levar a informação para dentro e fora do território, tenha consciência do que está sendo feito. E quanto mais comunicadores vão fazendo parte da grande rede que é a Mídia Índia, mais rápido a informação pode circular nas redes, entre outros povos e regiões, de forma massiva e positiva. Kelly relata como a união de diferentes povos é importante para tornar a atuação da Mídia Índia cada vez mais forte, se espalhando para vários coletivos e inspirando a criação de outras bases.

Outra preocupação emergente aparece quando Kelly Guajajara chama a atenção para a cautela na transmissão dos assuntos que retratam os povos indígenas. Persiste uma tentativa constante em subverter o estereótipo de que o lugar do indígena não é só dentro do território. Diante desse contexto de ataque constante na internet, onde a veracidade é posta à prova a cada post, a autenticidade e a linguagem simples devem ser prioridade. Como Lídia Guajajara explica, esse protagonismo que as redes indígenas proporcionam são operados para fazer denúncias, desmentir, mas também para tentar levar conhecimento sobre a cultura. Porém, em suas palavras, diz nem sempre ser fácil, por conta da enxurrada de notícias ruins relacionadas aos povos indígenas, na maioria das vezes invalidando essa luta. É um trabalho incessante contra a desinformação, onde a mídia hegemônica muitas vezes atrapalha o processo. Apesar disso, a cautela com o que pode ser mostrado ou não deve prevalecer. Lídia Guajajara explica sobre o cuidado e o respeito para com os líderes de todas as aldeias em que a Mídia Índia coleta informações.

A gente chega, primeiro vai conhecendo a comunidade, conhecendo as realidades ali do povo e pede autorização se pode ou não pode falar sobre. Porque tem muitas informações e histórias na internet que às vezes tá ali, mas foi contada não porque era para ser publicada, às vezes é contada como forma de consideração, para ter conhecimento sobre a história, por exemplo. (GUAJAJARA, 2022, s/n)

Para Kelly e Lídia, é necessária a aprovação de cada aldeia em relação aos materiais produzidos e o cumprimento às recomendações propostas pelos envolvidos em cada acontecimento que será acessado e publicado. As comunicadoras relatam uma situação recorrente de um conteúdo produzido por outras pessoas, onde não há nenhum retorno ou informação de como e para onde esse material foi disseminado. Com a Mídia Índia, esse regresso com as informações depois de prontas, faz parte do processo de produção de conteúdo. Para elas, zelar pela forma como a informação chega a outros públicos é também cuidar de quem as vivenciou.

Considerações Finais

Indícios de uma "comunicação pelo equívoco", especialmente a partir de uma "ética do zelo", foram encontrados nesta pesquisa ainda em desenvolvimento, a partir de conversas com comunicadores indígenas reunidas na primeira temporada do podcast Parabolicamará, quando tratamos da temática geral "ética e comunicação". Esses comunicadores indígenas, a partir de suas experiências bastante específicas na tradução de mundos, consideraram pontos importantes acerca do modo como entendem a comunicação e o trabalho que realizam, reunidos aqui, em resumo, nos seguintes tópicos: 1) Ailton Krenak (Ep.01) nos fez entender que a ética parte do princípio de que o homem é o centro do mundo e, enquanto centro, rege feito "parabólica" os sinais de vida da civilização ocidental, o que, conseqüentemente, nos levaria à ausência de um cuidado com os outros existentes. 2) Edgar Kanayko Xakriabá (Ep.02) acredita que a ética parte de um lugar de construção e cuidado, onde o importante para além do "click" é a construção de uma relação entre o fotógrafo e o fotografado. 3) Kelly Guajajara e Lídia Guajajara (Ep.03) levantam debates interessantes sobre como o aprendizado do comunicador deve ir além do saber lidar com as novas tecnologias. É importante saber como o discurso sobre suas origens e cultura nas redes deve ser trabalhado para alcançar a todos de forma massiva e positiva, para além de seu próprio povo.

Até o atual momento da pesquisa, é possível concluir que, partindo da visão de povos originários ameríndios - considerando conversas com comunicadores e comunicadoras indígenas para a realização do podcast, além de revisão de literatura - é necessário descentralizar o pensamento humano para que a voz desses povos sejam levadas a sério. A comunicação tem a necessidade de ser traduzida para que todos os mundos sejam compreendidos: eu não conheço o "mundo da onça", mas ainda sim tenho respeito por ele, como coloca Taddei (2020). Partindo dessa frase, é de suma importância que comunicadores, sejam eles de diversos mundos, realidades e culturas, re-centralizem o mundo para que novos processos comunicativos possam ser visualizados, imaginados, tensionados com nosso mundo e postos em prática. Para exemplificar essas considerações, é possível abordar alguns pontos que já foram traçados no podcast a respeito da ética de acordo com comunicadores indígenas: 1) o cuidado com as traduções de mundos entre indígenas e não indígenas, de modo a fazer evidenciar os equívocos (VIVEIROS DE CASTRO, 2015), e construir um campo de entendimento comum, baseado em afetações mútuas; 2) o cuidado na lida com as pessoas envolvidas nos acontecimentos, as quais são libertadas das noções redutoras de

“fontes” ou “entrevistados”; 3) a ampliação da noção de humanidade para além do “clube seleteo da humanidade” (KRENAK, 2019), o que potencializa a descentralização do homem branco como o centro do mundo; 4) a inclusão, no rol das preocupações éticas relacionadas aos processos comunicativos, de outros existentes enquanto pessoas, ou seja, sujeitos portadores de afetos e intencionalidades, como animais, plantas, e o que entendemos como natureza e ou Terra; 5) o cuidado em relação à ancestralidade dos povos originários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BIRD-DAVID, Nurit. “**Animismo**” Revisitado: Pessoa, Meio Ambiente e Epistemologia Relacional. Porto Alegre: Debates do NER, ano 19, n. 35, p. 93-171, jan-jul 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S. (Orgs.). **Redes ecológicas e comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação**. São Paulo: Paulus - Coleção Comunicação, 2017.

GUAJAJARA, Kelly; GUAJAJARA, Lídia. **Podcast Parabolicamará - Ep.3** Podcast Parabolicamará, Spotify, maio 2022. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3djCodd1r2YQCHzeCjpBNY?si=3hzdBCLRQGO1oLni5vYYjw&utm_source=whatsapp&utm_medium=organic&utm_campaign=organic. Acesso em: 04 jul. 2022.

GUIMARÃES, Lara Linhalis. **Uma invenção de jornalismo: ninjas, xamãs e outras perspectivas**. 2016. 177 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

----- **Jornalistas e xamãs: a performance na cosmologia ameríndia e a invenção de um jornalismo diferenciante**. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. Anais [...] Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

-----; LAIA, Evandro José Medeiros. **Comunicação pelo equívoco: anotações para uma teoria antropológico-comunicacional**. Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização. pp. 4329-4341, 2014.

----- **Povos indígenas e tradução de mundos: a invenção de uma ética (im)possível ao jornalismo**. In: ANAIS DO 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2021/papers/povos-indigenas-e-traducao-de-mundos--a-invencao-de-uma-etica--im-possivel-ao-jornalismo>> Acesso em: 13 Maio. 2022.

KANAYKÕ XAKRIABÁ, Edgar. **Etnovisão: o olhar indígena que atravessa a lente**. **Dissertação**. Belo Horizonte, 2019.

KANAYKÕ XAKRIABÁ, Edgar. **Podcast Parabolicamará - Ep.2** Podcast Parabolicamará, Spotify, maio 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/02w66Q3qwJidL6tS4jCE3H?si=07d668ce50b6490>. Acesso em: 04 ago.2022

KRENAK, Ailton. **Podcast Parabolicamará - Ep.1** Podcast Parabolicamará, Spotify, maio 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2NU40NVZgWzcratLj3sRzl?si=48ce25e23aa94003>. Acesso em: 04 ago.2022

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LIMA, Tânia Stolze. **Por uma cartografia do poder e da diferença nas cosmopolíticas ameríndias**. In: Revista de Antropologia, n. 54, v.2, 2011.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Ética como discurso estratégico no campo jornalístico**. In: Revista Líbero, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 31-38, dez. de 2010.

MIRANDA, Ana Garcia de. **De dentro do ninho para fora da pele: uma imersão através do perspectivismo ameríndio**. 2021. 66 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.
TADDEI, Renzo. In: Observatório Jornalismo(s): **Série Traduções**. Transcrição nossa. Universidade Federal de Ouro Preto, 2020.

PAUL, Dairan; CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Cuidado, virtude e dilemas morais nas práticas de não-jornalistas**. São Paulo, v. 43, n. 1, p.21-36, jan./abr. 2020, [s. l.], 2020.

TADDEI, Renzo. **Jornalimos possíveis, mundos possíveis**. [Entrevista concedida a] Evandro Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães. Série audiovisual Traduções, Youtube, episódio 1, maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/jornalimos>. Acesso em: 20 dez. 2021.

VILLAÇA, Aparecida. **O que significa tornar-se Outro?** Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15, n. 44, out. 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

----- **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac e Naify, 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo. Cosac Naify. 2010.

